

A ANÁFORA DIRETA: UMA ESTRATÉGIA DE PROGRESSÃO DISCURSIVA

Maire Josiane Fontana¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre o uso da anáfora direta no processo de referenciação, quando efetuado por meio de formas ou expressões nominais e pronominais, permitindo a progressão discursiva textual, tendo como base as contribuições teóricas de Koch (2004), Marcuschi (2005) e Koch & Marcuschi (1998). Os procedimentos metodológicos utilizados são de cunho bibliográfico e exploratório, e correspondem ao estudo, identificação e análise de anáforas diretas presentes em um texto do gênero notícia, contribuindo para o melhor entendimento do funcionamento e da relevância da progressão referencial na construção de um texto.

Palavras-chave: anáfora; comunicação; progressão discursiva.

The direct anaphora: a strategy of discursive progression

Abstract: This article aims to present some considerations on the use of direct anaphora in the referentiation process, when effected in ways or nominal and pronominal expressions, on the basis in the theoretical contributions of Koch (2004), Marcuschi (2005) and Koch & Marcuschi (1998). The methodological procedures utilized are from a character bibliographic and exploratory, and correspond to the study, identification and analysis of direct anaphoras presents in a text of the news genre, contributing to a better understanding of the working and the relevance of referential progression in the construction of the text.

Keywords: anaphora; communication; progression discursive.

1 Introdução

No processo de produção textual, os interlocutores constroem e empregam os referentes de modo partilhado, os quais, pela interação linguística, constroem o sentido do texto, baseados em um conhecimento prévio. Compreende-se que a produção de um texto se assemelha ao trabalho de um artesão, que cruza e entrelaça os fios na fabricação do tecido. Assim também acontece no texto, já que, para que ele tenha sentido, o escritor seleciona

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Campus Sertão/RS. Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF).

palavras e recorre a determinadas estratégias, dentre elas a anáfora direta, objeto de estudo desta pesquisa.

A anáfora desempenha um papel extremamente importante na construção da coerência, por meio de um encadeamento referencial que proporciona a progressão textual. Dizemos que a anáfora direta, de modo geral, é definida pela relação de correferencialidade estabelecida entre o termo anafórico e seu antecedente. Assim, este estudo busca compreender o funcionamento e a relevância da anáfora direta no desenvolvimento de um texto.

O propósito desta investigação surgiu devido à constante percepção do uso de referentes em textos de diversificados gêneros, com o objetivo primordial de evitar repetições e fazer com que o texto evolua, mantendo a coerência e a progressão necessárias.

A investigação, de cunho bibliográfico e exploratório, está ancorada nos pressupostos teóricos de Koch (2004), Marcuschi (2005) e Koch & Marcuschi (1998). De acordo com as concepções desses autores, é possível afirmar que a progressão referencial ocorre quando se relacionam a linguagem, o mundo e o pensamento, uma relação que ocorre no discurso.

As seções que compõem este artigo estão organizadas da seguinte maneira: a primeira apresenta considerações sobre a anáfora como processo de referenciação e progressão textual. Em seguida, destaca-se a natureza exploratória da pesquisa e a descrição do *corpus*. Posteriormente, é feita a análise do *corpus* e, por fim, apresentam-se as considerações finais.

2 A anáfora direta como processo de referenciação e progressão textual

A língua é utilizada como forma de representação do mundo, numa relação entre as palavras e as coisas. Contudo, algumas teorias postulam que as entidades representadas nos textos não correspondem diretamente a objetos, pois constituem objetos-de-discurso, os quais, por meio do discurso, estruturam e dão sentido ao mundo. Assim, quando falamos de algo que vimos, aquilo que falamos não coincide com o real, pois tudo depende do ponto de vista adotado pelo indivíduo que fala, sua percepção é que determina sua maneira de descrever uma entidade do mundo. A língua, portanto, não se relaciona diretamente com objetos do mundo, estes são criados pelo discurso, a partir da maneira como o sujeito os compreende e se refere a eles.

Nesse sentido, pelas palavras de Koch & Marcuschi (1998, p. 173), referir não é mais atividade de etiquetar um mundo existente e judicialmente designado, mas, sim, uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos-de-discurso e não realidades independentes. Dessa forma, entende-se que a língua não é como uma etiqueta, a qual colamos para reproduzir um objeto de mundo. Dizer o mundo não é o mesmo que dar nomes às coisas. O discurso não é um simples produto de relações linguagem-mundo (KOCH & MARCUSCHI, 1998, p. 177). A realidade empírica vai além da experiência humana expressa pela linguagem, é uma construção da relação entre o homem e a realidade.

É preciso saber, portanto, que a linguagem não reflete o mundo, mas constrói uma realidade. Nesse contexto, a referenciação se apresenta como a relação entre a linguagem e o mundo, a linguagem e a realidade. No processo de referenciação, são construídos referentes, que auxiliam na representação de uma certa realidade, por meio da linguagem.

Cavalcante (2005, p. 125) destaca que

é da inter-relação entre língua e práticas sociais que emergem os referentes, ou objetos-de-discurso, por meio dos quais percebemos a realidade que, por sua vez, nos afeta. Os referentes passam a ser, assim, não uma entidade congelada que herdamos e transferimos, mas uma instância de referencialidade constitutivamente indeterminada e efêmera.

Koch (2004) afirma que o texto apresenta-se como o lugar próprio da interação, e através dele os sujeitos interagem, mobilizando os recursos linguísticos que a língua nos põe à disposição, os quais funcionam como estratégias instrutivas ou sinalizadoras na orientação do sentido. Nessa atividade, o processo de referenciação centra-se na orientação do discurso aos propósitos comunicativos, atuando como uma teia referencial instituída no texto.

Sempre situado no tempo e no espaço, o ato da referência pressupõe uma relação entre língua e práticas sociais, envolvendo uma ação colaborativa entre os sujeitos da interação, os quais constroem seus referentes *no e pelo discurso*. Enquanto interagem, os sujeitos constroem significados.

A referência, pois, não é só a introdução de unidades discretas e estáveis no texto, unidades que estariam prontas em nosso sistema cognitivo, mas sim, sobretudo, é o trabalho sobre as possibilidades de dizer, sobre como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas dão sentido ao mundo (VARGAS, 2008, p. 5).

Diante disso, entende-se que a função das expressões referenciais não é apenas a de referir. Elas contribuem para dar sentido aos objetos presentes na memória discursiva,

indicando pontos de vista, destacando direções argumentativas. Nesse processo de referenciação, destaca-se a importância da função desempenhada pelas expressões nominais e pronominais na organização textual e sua imensa contribuição na construção interativa do sentido e, conseqüentemente, na progressão do texto.

É importante salientar que ao longo de um discurso os indivíduos têm muitas alternativas a seu dispor para designar referentes, até mesmo quando os referentes são os mesmos. Para isso, é necessária uma seleção lexical adequada.

Quando falamos em referentes, logo pensamos em retomadas. Nesse contexto, destaca-se a retomada anafórica, uma das estratégias de progressão discursiva mais estudada e conhecida linguisticamente, bastante usada não apenas para retomar, mas também para construir e/ou reconstruir objetos-de-discurso. A anáfora é o termo usado para denominar uma expressão linguística cuja interpretação é tomada de alguma outra expressão presente no enunciado ou no contexto. Entende-se, com isso, que as expressões anafóricas são responsáveis pela continuidade referencial, que não se limita apenas a uma relação de correferência (termo a termo), mas constrói uma grande rede de sentidos.

De acordo com Marcuschi (2005, p. 55), na atualidade o termo *anáfora* é um termo usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial.

Em relação às retomadas, Koch & Marcuschi (1998, p. 179) destacam que:

A expressão *retomada* nem sempre designa uma retomada referencial em sentido estrito, mas é apenas uma espécie de remissão que estabelece o contínuo tópico. [...] A noção de anáfora é aqui enriquecida e ampliada e não diz respeito apenas a relações estabelecidas por pronomes, mas por nomes e outras categorias.

Assim, este estudo pretende tratar não apenas de retomadas pronominais, mas também nominais, responsáveis pelo desenvolvimento progressivo do texto. Dar-se-á destaque às anáforas diretas, designadas como termos ou grupos nominais com a função de referir a elementos presentes no contexto, proporcionando, dessa forma, a progressão textual.

A anáfora direta estabelece uma relação de correferência entre o elemento responsável pela retomada *ó* anafórico *ó* e seu antecedente. Ela atua, portanto, como uma espécie de termo substituto do elemento retomado.

No conceito tradicional sobre referenciação, tinha-se o texto como limite. Contudo, hoje se diz que o limite é a memória discursiva, ou seja, as descrições se dão a partir do acúmulo de informações sobre determinado assunto.

Nesse sentido, Koch (2004, p. 59) destaca que:

A interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento linguístico (ãntecedenteö) ou um objeto específico no mundo, mas em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva.

A autora (2004, p. 62) cita ainda que na constituição da memória discursiva três operações estão envolvidas: construção e ativação, onde um õbjetoö textual até então não mencionado é introduzido; reconstrução e reativação, onde um nóculo já existente na memória discursiva é reintroduzido por uma forma referencial; desfocalização e desativação, onde se introduz um novo objeto-de-discurso, o qual fica em foco, fazendo com que o objeto anterior saia de foco, mas permanecendo disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores. Contudo, o mais relevante para este estudo são as formas de reconstrução, por terem estreita ligação com a progressão e coesão textual. Sobre a reconstrução, Koch (2004, p. 67) afirma que õé a operação responsável pela manutenção do foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas responsáveis pela progressão referencial do textoö. A progressão refere-se à relação entre os elementos no texto, manifestada tanto por nomes como por pronomes.

A anáfora direta, elemento de coesão textual, é responsável pelas retomadas e contribui para o engajamento e a progressão do texto. Existem vários meios para designar referentes, os quais podem aparecer por intermédio de formas gramaticais pronominais ou nominais. As anáforas são pronominais quando o referente é um pronome, e nominais quando o referente tem como núcleo um nome. Os dois grupos, normalmente, são constituídos por um determinante (artigo definido, artigo indefinido, pronome possessivo ou demonstrativo) acrescido de um nome.

A anáfora nominal é formada basicamente por um nome, que se ancora num termo/expressão previamente explicitado. Já a anáfora pronominal é aquela em que a relação anafórica se dá por meio do uso de pronomes, estabelecendo uma ligação com um termo antecedente.

A anáfora direta possui relação correferencial com um termo que a antecede, atuando como uma substituta do elemento por ela retomado. Contudo, deve-se tomar cuidado em casos em que há mais de uma possibilidade de termo ou expressão a ser retomada. Quando isso acontece, é necessário observar os aspectos gramaticais, como concordância de gênero e número, para ter bem claro quem é o antecedente referencial.

É importante destacar que quando há ocorrência de anáfora direta, não é necessário que o interlocutor faça inferências para identificar o antecedente do elemento anafórico, já que o referente se encontra explícito na própria superfície linguística do texto.

As anáforas usadas para retomar são correferenciais, ou seja, abrangem o processo em que a anáfora retoma parcial ou totalmente o referente, característica própria das anáforas diretas. Nesse grupo, existem três tipos de anáforas: anáfora correferencial co-significativa, anáfora correferencial com recategorização e anáfora parcial co-significativa.

Anáfora correferencial co-significativa: neste caso, os referentes são retomados totalmente, pela repetição do nome, e muitas vezes substituídos por outros termos ou palavras sinônimas.

Anáfora correferencial com recategorização: neste tipo de anáfora, ocorre correferência, mas a retomada aos referentes ocorre de forma recategorizada.

Anáfora co-significativa: neste caso, ocorre uma relação de parte-todo. A ocorrência destes casos limita-se às repetições do sintagma antecedente, precedidos de um quantificador, ou de um adjetivo dando ideia de parte de um conjunto não unitário.

No enunciado, a função do falante é a de delimitar o referente, empregando o mais adequado à situação de comunicação, enquanto a função do ouvinte é a de identificar o referente em um enunciado. A referenciação implica, por parte dos interlocutores, que se façam escolhas significativas, pois a língua oferece inúmeras possibilidades. Com isso, pode-se dizer que as escolhas do falante em relação aos referentes empregados são feitas com base naquilo que ele quer dizer. Contudo, no decorrer do texto os referentes modificam-se, e, para que seja possível manter o controle sobre eles, se faz uso de termos/expressões que retomam outros termos/expressões já usados no texto, fazendo com que se formem, dessa forma, as cadeias referenciais.

O referente é construído ao longo do texto, e se modifica quando surgem novos nomes ou a cada nova ocorrência do mesmo nome. Entende-se, portanto, que o referente se (re)constrói no texto.

De acordo com Oliveira (2009):

A fala e também o texto escrito constituem-se não apenas numa sequência de palavras e/ou frases. A sucessão de coisas ditas ou escritas forma uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade: há um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto falado ou escrito. Os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada e garantem a coesão são, como visto neste tópico, os referenciais textuais. Cada uma das coisas ditas estabelece relações de sentido e de significado tanto com os elementos que a antecedem como os que a sucedem, construindo uma cadeia textual significativa.

E essa referenciação é que faz com que se construa um texto coeso, com todas as suas partes ãamarradasõ numa grande e vasta cadeia referencial.

3 Procedimentos metodológicos

No que se refere à metodologia, foi utilizado como *corpus* uma notícia retirada do *site* de notícias www.noticiaszarras.com.br. A análise está pautada na influência e na relevância do uso de anáforas diretas, que fazem referência a termos/expressões antecedentes, a fim de evitar repetições, referir, (re)construir o texto e permitir a progressão e coesão textual.

4 Análise do *corpus*

O *corpus* da pesquisa constitui-se de um texto do gênero notícia, retirado de um *site* da *internet*. Será analisado o uso frequente de anáforas no decorrer da notícia em questão, sendo apontados também seus referentes. A respeito dos processos de referenciação, mais especificamente de anáfora, vejamos alguns exemplos retirados da notícia em análise.

Quadro 1: Notícia retirada do *site* www.noticiaszarras.com.br

	<p>Funcionário da Vivo orienta cliente a jogar celular na parede</p>
--	---

(Figura 1)

01 Problema com a internet 3G do celular? Arremesse **o aparelho** contra a
02 parede que resolve. Pelo menos essa foi a recomendação de um atendente da Vivo.

03 Há cerca de dois meses, uma cliente da empresa (que pediu para não ter seu
04 nome publicado) começou a ter problemas com o 3G.

05 Sem conseguir chegar a uma solução, **ela** recorreu, na semana passada, ao
06 atendimento on-line da Vivo.

07 Na conversa com **o técnico** da **companhia de celular**, surgiu a orientação
08 para solucionar o problema: ãPega **o aparelho** e arremesse contra a parede! Resolve na
09 hora, recomendou o atendente.

10 ãAntes disso, os atendentes pediram para eu ligar para **a empresa** usando
11 outro aparelho que não **aquele** que apresentasse problemas, mas eu só tenho **esse**
12 telefone, afirmou a cliente.

OUTRO LADO

13 Procurada pela reportagem, a Vivo disse lamentar o ocorrido e afirmou que o
14 comportamento do **funcionário** não é condizente com a visão da companhia em
15 relação ao respeito aos seus clientes.

16 **Ela** disse ainda que tomou as medidas administrativas cabíveis para que casos
17 desse tipo não se repitam.

18	Para Paulo Arthur Góes, diretor-executivo do Procon-SP, ãas operadoras só
19	querem novos clientes. A consumidora em questão pode entrar na Justiça com uma
20	ação por danos morais.ö
21	De acordo com o Procon-SP, a telefonia móvel é o principal personagem de
22	reclamações dos consumidores. No ano passado, as quatro principais operadoras de
23	celular apareciam entre as 12 empresas que lideravam a lista de reclamações.
24	Segundo Eduardo Tude, presidente da consultoria Teleco, tudo não passa de
25	uma questão de investimento.
26	õÀ medida em que existe uma cobrança pelo serviço, isso leva as operadoras a
27	melhorarem todo o processo.ö
28	O total de reclamações a respeito do SAC (Serviço de Atendimento ao
29	Consumidor) das empresas cresceu 86% de janeiro a 21 setembro deste ano ante igual
30	período de 2011, segundo dados de 170 Procons em todo o país.
31	Os serviços de telefonia celular, cartão de crédito e telefonia fixa concentram a
32	maior parte das demandas.
	Disponível em: < http://www.noticiasbizaras.com.br/2012/10/funcionario-da-vivo-orienta-cliente-a-jogar-celular-na-parede/ >. Acesso em: 28 fev. 2014.

No texto, observamos uma grande ocorrência de anáforas diretas, o que nos mostra as possibilidades que o enunciador tem para a construção de sentidos por meio das expressões referenciais.

Inicialmente, temos a expressão ão aparelhoö (linha 01), que tem um referente pontual, a palavra ãcelularö. A expressão ão aparelhoö é novamente utilizada na linha 08 para se referir ao celular.

Na linha 05, por pronominalização, o anafórico ãelaö reativa o referente ãuma clienteö (linha 03), introduzido anteriormente, e mantém uma relação de correferencialidade.

Seguindo com o texto, na linha 07, a expressão ão técnicoö retoma o referente ãum atendenteö (linha 02), reativando um elemento já mencionado no texto. Ainda na linha 07, a expressão ãcompanhia de celularö retoma diretamente o termo ãVivoö (linha 06), que é novamente retomado na linha 10, por meio da expressão ãa empresaö. Ambos os termos propiciam retomadas, evitando que algumas palavras se repitam, permitindo, assim, a coerência e a progressão do texto.

Na linha 11, pelo processo de pronominalização, o pronome demonstrativo *o aquele* retoma o *o celular* com problemas (linha 01), assim como o termo *o esse* (linha 11), utilizado pela cliente para se referir diretamente ao *o celular* que estava com problemas.

Na linha 14 do texto, ocorre mais um caso de anáfora direta, quando a expressão *o funcionário* é usada para retomar *o um atendente* (linha 02), favorecendo na progressão textual como marcador de continuidade referencial.

O pronome *ela*, na linha 16, retoma a empresa *o Vivo* (linha 06). Observe-se que anteriormente o pronome *ela* já havia sido utilizado, mas com outro referente.

Na linha 19, *o a consumidora* em *o questão* faz referência direta ao termo *o cliente* (linha 03).

Por fim, na linha 26, o pronome demonstrativo *o isso* retoma a expressão *o uma cobrança pelo serviço* (linha 26), numa retomada pronominal.

Por meio dessa análise, percebe-se que há uma preocupação do enunciador em estabelecer a continuidade referencial do texto com a utilização de recursos anafóricos, promovendo, dessa forma, um desenvolvimento coerente e produtivo do texto. O texto apresentado possui, portanto, várias ocorrências anafóricas por correferencialidade.

Quadro 2: quadro sinóptico da análise textual

Linha do texto	Ocorrência anafórica no texto	Relação referencial anafórica
01 e 09	o aparelho	Retoma-se a palavra <i>o celular</i> .
06	Ela	A expressão <i>o um cliente</i> é retomada pelo processo de pronominalização.
08	o técnico	Ocorre a reativação do termo antecedente <i>o um atendente</i> .
08	companhia de celular	Retoma-se a empresa <i>o Vivo</i> .
11	a empresa	Novamente a <i>o Vivo</i> é retomada.
12	aquele, esse	Ocorre um processo de pronominalização para retomar o termo <i>o celular</i> .
16	funcionário	Retoma <i>o um atendente</i> .
18	Ela	Retoma a empresa <i>o Vivo</i> pelo processo de pronominalização.
21	a consumidora em	Faz referência ao termo <i>o cliente</i> .

	questão	
28	Isso	Retoma por processo de pronominalização õuma cobrança pelo serviçoö.

5 Considerações finais

O objetivo primordial deste estudo foi o de reafirmar a importância do emprego da anáfora direta como estratégia de referenciação e progressão textual.

Ao estudarmos o conceito sociointeracional de referenciação e de anáfora, percebe-se que estamos diante de processos bem mais amplos e complexos do que o senso comum costuma apresentar. Muito mais que substituir termos repetidos ou fazer um termo remeter a outro, a anáfora é um importantíssimo elemento para a coesão e a progressão textual. Ela reativa referentes previamente introduzidos, numa relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente.

Nesse sentido, por meio da pesquisa bibliográfica e da análise de termos anafóricos presentes em texto do gênero notícia, foi possível perceber que a função das expressões referenciais não é apenas a de referir. Por apresentarem muitas funções, elas contribuem para elaborar o sentido daquilo que é dito, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, recategorizando os objetos presentes na memória discursiva.

A noção de referenciação é aqui defendida como sendo um processo de construção de sentidos que se realiza no discurso, ou seja, em atividades de interação entre sujeitos, exigindo, portanto, uma ação colaborativa entre os interlocutores.

O que foi apontado neste estudo permite, sem dúvida, verificar o importante papel desempenhado pelas expressões nominais e pronominais na organização textual e sua contribuição decisiva para a orientação argumentativa dos enunciados que o compõem e, em decorrência, para a construção interativa do sentido, indispensável em qualquer texto.

Referências

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. . In: KOCH, Ingedore, MORATO, Edwiges Maria & BENTES, Anna Christina (orgs). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

Funcionário da Vivo orienta cliente a jogar celular na parede. Disponível em: <<http://www.noticiasbizaras.com.br/2012/10/funcionario-da-vivo-orienta-cliente-a-jogar-celular-na-parede/>>. Acesso em: 02/02/2013.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas.* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Processos de referência na produção discursiva.* In: D.E.L.T.^a, Volume 14, N° especial, 1998. (169-190)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. *et al. Referência e discurso.* São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima. *Os processos de referência catáfora e anáfora em textos de alunos de uma comunidade de baixa-renda da cidade de Maceió.* São Paulo: Artigonal, 2009 (Artigo publicado no Artigonal (Diretório de artigos gratuitos)).

VARGAS, Maria Elizabete Borges . Anáfora Indireta: uma estratégia do discurso publicitário. In: *VIII Encontro do Circulo de Estudos Linguísticos do Sul*, 2008, Porto Alegre. Anais do 8º Encontro do CELSUL. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas (EDUCAT), 2008. v.1.

Recebido em 13/03/2014.

Aceito em 22/04/2014.